

## EDITORIAL

É com imensa satisfação que apresentamos o presente número da Revista Brasileira de Filosofia da Religião. Diferentemente do número passado, que se dedicou ao tema “Religião e Ciência”, neste número optamos por não adotar uma temática central definida. Assim sendo, este volume foi destinado aos artigos que vimos recebendo espontaneamente ao longo do segundo semestre de 2017 e primeiro semestre de 2018.

Ainda que, com certo atraso, em virtude de sérios problemas técnicos que a Revista enfrentou no último ano, apresentamos nossas mais recentes contribuições. Desde já pedimos nossas desculpas e avisamos que ainda contaremos com um pouco de atraso nos próximos números, mas, em breve a situação tende a normalizar. Vale lembrar a nossos leitores, dos quais, muitos são também autores, que a Revista Brasileira de Filosofia da Religião se encontra agora hospedada no Portal de Periódicos da UnB, e voltamos a receber os artigos exclusivamente através do OJS (Open Journal Systems).

O artigo que abre nosso número é de autoria do pesquisador Ruling Barragán Yáñez, atualmente professor da Universidade do Panamá. Este pretende apresentar no primeiro texto deste número de nossa revista um termo ainda pouco conhecido e pouco utilizado e frequentemente confundido erroneamente com Agnosticismo. Este termo, “ignosticismo” teria sido introduzido na terminologia teológico-filosófica durante o século passado pelo rabino Sherwin Wine. Por “ignosticismo”, Wine desejava indicar uma posição teológico-filosófica segundo a qual a noção de Deus não pode ser nem afirmada nem refutada em termos puramente empíricos. Vale ressaltar aqui, embora o autor do artigo não aborde em profundidade a questão, que a noção apresentada por Wine é estreitamente vinculada ao pensamento judaico e podemos, inclusive, encontrar suas raízes na célebre discussão de Maimônides com os peripatéticos sobre a eternidade do Universo. Mas, em seu artigo, Ruling Barragán pretende discutir a noção a partir da obra “The Experience of God: Being, Consciousness, Bliss” (2014) de Bentley Hart.

Muito embora Hart não utilize diretamente o termo, Barragán crê ser adequado entendê-lo dessa maneira, em especial, no âmbito do que denomina “ignosticismo comparado”.

O segundo artigo deste volume é de autoria do professor Ángel Garrido Maturano e traz como título “El Impulso religioso en el Mundo: la idea de creatividad de A. N. Whitehead y su significado filosófico-Cosmológico en el contexto de la cuestión del origen del universo”. Neste artigo, o professor argentino se dedica a expor a noção de criatividade na metafísica de Whitehead. Este cumpre seus propósitos analisando a questão, especialmente em relação a três objetivos: o primeiro deles é mostrar em que medida a criatividade constitui um pressuposto filosófico implicado pelas cosmologias atuais que tentam explicar a origem do universo; o segundo é elucidar porque a criatividade pode ser legitimamente pressuposta se é considerada somente em um sentido estrito, sem que se pressuponha outras especulativas do autor como os objetos eternos e Deus; e, por último, precisar em que sentido a noção estrita de criatividade, ainda que não afirme o Deus de Whitehead, ainda pode guardar um sentido religioso último.

O terceiro artigo aqui publicado é de autoria de Daniel da Silva Toledo e tem por título “A Fenomenologia Hermenêutica de Heidegger como condição de superação transcendental frente às ciências ônticas das religiões”. Daniel Toledo é doutor em Filosofia da Religião e, desde a sua graduação, desenvolve projetos de pesquisa sobre o pensamento do filósofo alemão Martin Heidegger, em especial nos âmbitos de ontologia, metafísica e niilismo. Neste texto, Daniel advoga em favor da fenomenologia hermenêutica enquanto modo de compreensão essencial da dinâmica de sentido que se recusa às ciências ônticas. Nesse sentido, tem por objetivo central apontar em que medida a fenomenologia hermenêutica que se pode depreender da ontologia Heideggeriana pode ser uma chave de compreensão adequada e fundamental para a “dinâmica de sentido de fundo da dimensão religiosa que escapa ao método empírico de abordagem próprio das ciências ônticas das religiões”.

No quarto artigo que publicamos, o estudioso português Domingos Faria nos apresenta “O Conflito entre o Teísmo cético e a Epistemologia Reformada”. Neste artigo, embora defenda que a teoria da Epistemologia Reformada entra em conflito com uma resposta influente e bastante plausível para o problema do mal, que é a teoria do Teísmo Cético, isto não ocorre por alguma inconsistência lógica entre as duas

proposições De fato, este conflito dever-se-ia ao fato de que o Teísmo Cético constitui uma boa razão para se duvidar de uma premissa central da Epistemologia Reformada. O pesquisador do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa pretende demonstrar seu raciocínio a partir da discussão do problema do mal.

Em “Habermas, Ratzinger e os proveitos do diálogo entre Filosofia e Religião”, o professor Írio Vieira Coutinho Abreu Gomes, líder do Grupo de Pesquisa em Filosofia da Religião da Universidade Estadual da Paraíba, pretende traçar uma possibilidade de reaproximação dialógica entre fé e razão. Segundo o Prof. Írio, “o ponto de encontro dessas rivalidades está num círculo vicioso onde as disputas se retroalimentam mutuamente e ambos os lados terminam com perdas irreparáveis”. Desse modo, busca superar essas tensões através da ideia de aprendizado mútuo entre as diferenças. A seu ver, através de Habermas e Ratzinger, é possível mostrar “que a retomada, em nova perspectiva, da antiga e produtiva relação entre religião e filosofia, é a única chance de superação dos confrontos normatizada por uma circularidade virtuosa entre fé e razão”.

João Pedro da Cruz Neto, atualmente cursando o Mestrado em Filosofia na Universidade Federal do Paraná pergunta se “Há um sentido no Universo?” O estudante aponta que, após observar a prolífica produção de vários cientistas sobre o tema, nota-se que o conceito de “finalidade” deve ser matizado, e pretende em seu artigo verificar de que modos podem ser compreendidos pelas ciências empíricas e também pelo pensamento filosófico. Por fim, tentará responder a essa questão milenar através da discussão da fundamentação do argumento teleológico a partir da obra do físico e filósofo espanhol Mariano Artigas.

Mais um mestrando, Sérgio Carlos da Silva Meneses apresenta, junto ao professor Josailton Fernandes de Mendonça da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, o artigo intitulado “A Metafísica Tomista do *Esse*”. Nesse artigo os autores demonstram sua erudição e destacam a influência platônica em São Tomás de Aquino, apresentando a centralidade do conceito de ser (esse) na metafísica de S. Tomás de Aquino, a partir da pesada influência platônica, em especial da noção de participação. O artigo pretende demonstrar a precedência do *esse*, como fundamento da realidade, em relação à *essentia*, o qual, pela sua atualização, possibilita o ente: “ens quod habet esse, o ente é aquilo que tem ser. A “diferença ontológica” tomista é, portanto, colocada como a diferença entre aquilo que é e aquilo que tem ser”.

Douglas Willian Ferreira, Doutorando Filosofia da Religião pela Universidade Federal de Juiz de Fora, apresenta o pensamento de Luc Ferry, em seu artigo intitulado “Liberdade e aperfeiçoamento Humano: os embasamentos humanistas da ética do Homem-Deus”. Para ele, a noção de liberdade entendida a partir dos pressupostos filosóficos de Luc Ferry, enfatiza os aspectos práticos, ao convocar o homem à compaixão. Assim, a liberdade “acaba por se tornar o fundamento de um humanismo ateu que reconhece a transcendência humana no lugar do Deus cristão; a perfectibilidade do homem, expressa em sua capacidade de fugir a todo determinismo, e, conseqüentemente o surgimento do homem-Deus como a figuração da centralidade do homem no processo de secularização e da atitude ética”.

Por último, encerrando este número da Revista, Thiago Paulino Jordão, mestrando em Filosofia na UNIFESP, discute a racionalidade da crença na existência de Deus em Santo Agostinho”. Neste artigo, Thiago Jordão se propõe a demonstrar de que modo o argumento da existência de Deus se alinha ao axioma agostiniano de que a busca racional já pressupõe uma adesão pela fé. Dessa maneira, se, por um lado oferece um substrato sobre o qual outros pensadores posteriores desenvolverão seus argumentos ontológicos sobre a existência divina, por outro lado, Agostinho diferencia-se deles em sua intenção mesma. Conforme o autor, “para ele, mais do que convencer os que duvidam, esse exercício encontra seu maior valor em fortalecer, pela razão, as convicções daqueles que já encontraram, pela fé, o Deus que agora buscam conhecer”.

Desejamos desde já uma excelente leitura a todos...

*Cecilia Cintra Cavaleiro de Macedo*

Professora do Programa de Pós-Graduação em Filosofia (UNIFESP)  
Coordenadora do GT Filosofia da Religião (ANPOF)  
Pesquisadora líder do Núcleo de Pesquisas em  
Filosofia Islâmica, Judaica e Oriental (NUR/UNIFESP)  
Editora Responsável da Revista Brasileira de Filosofia da Religião.

